

Antonio Edmilson Martins Rodrigues
João do Rio. A cidade e o poeta.
O olhar de flâneur na Belle Époque Tropical.
Coleção Os que fazem a História – Editora FGV, 2000, 139 pp.

Se a biografia histórica foi estigmatizada durante um largo período, inclusive pela poderosa École des Annales, ainda que Lucien Febvre e Fernand Braudel tenham ambos assinado biografias renomadas, como *Lutero* e *Felipe II e o Mediterrâneo*, a sua redenção enquanto um “modo de escrita da história” é relativamente recente. Somente a partir dos anos 1970 a biografia histórica vem sendo cada vez mais integrada à obra de historiadores profissionais.

Tal fenômeno deve-se, por um lado, ao esforço para uma revisão e atualização dos métodos do gênero que, entre outras transformações, ampliou a pesquisa além do estritamente relativo ao objeto de estudo, passou a priorizar as estruturas em lugar do cronológico e do factual, redimensionou o indivíduo em seu tempo. Por outro lado, seus seguidores compreenderam não ter a biografia histórica a vocação de esgotar o conhecimento sobre o seu objeto de estudo, mesmo “si la symbolique de ses faits et gestes peut servir de représentation de l’histoire collective

à travers un homme, tel le portrait, elle n’épuise pas la diversité humaine”¹, como alertou Philippe Levillain. Beneficiada pelo avanço metodológico impulsionado por nomes de autores influentes e, como destacou Emmanuel Le Roy Ladurie, pelo fato de que “l’histoire répond à un besoin individuel autant que collectif de réflexion; à curiosité; à un désir; à la recherche d’un plaisir de lire et parfois un plaisir d’écrire”, a biografia histórica tem se afirmado, cada vez mais, como um “modo de escrita da história”.

É no rastro dessas tendências que surge a coleção *Os que fazem a História*, coordenada pelo professor Francisco Calazans Falcon, cujos títulos publicados vão de Anchieta a Antonio Vieira, de Frei Caneca a Rui Barbosa, entre outros. Autor de três dos mais de dez títulos já publicados – *José de Alencar*, *João do Rio* e *Nair de Teffé* – Antonio Edmilson Martins Rodrigues é fiel ao espírito da coleção ao romper com o que Pierre Bourdieu apontou como “discursos lineares e redundantes” sobre o biografado e, conseqüentemente,

sobre o contexto histórico ao qual este último pertence.

Em *João do Rio. A cidade e o poeta. O olhar de flâneur na Belle Époque Tropical*, Antonio Edmilson Martins Rodrigues cumpre a promessa que encerra o título, múltiplo e ambicioso, de seu livro. Não a de uma biografia tradicional, onde a vida do biografado é apresentada em sua história temporal, tampouco “é a produção de um perfil psicológico, nem o exame de um intelectual a partir da cultura do momento vivido” que o interessa. Em *João do Rio*, o objetivo do autor é entrelaçar “história, literatura e vida” numa “narrativa de fatos reais e ficcionais”. Porém, adverte Martins Rodrigues, “combinar ficção e história (...) não é sinônimo de mentira, engodo, ou irrealidade, mas de produção de sentido”.

De fato, ao ler o livro de Antonio Edmilson Martins Rodrigues (re)descobrimos o sentido essencial da obra de João do Rio. Ao longo dos cinco capítulos escritos com elegância e desenvoltura, “peculiares aos que prezam tanto o lugar de leitor quanto o de escritor”, Martins Rodrigues recria de forma envolvente as sensações e os sentimentos do jornalista e escritor carioca sobre o seu tempo, sobre a cidade e seus habitantes. Nexos fundamentais para entendermos a obra de João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto, ou Paulo Barreto ou João do Rio. O primeiro nascido em 1881 e falecido em 1921; o segundo homenageado com nome de rua, em

sua cidade natal; o terceiro, jornalista e escritor famoso, maldito para muitos, porém eleito imortal da Academia Brasileira de Letras com apenas 29 anos de idade, em 1910.

“Observação e curiosidade destacam-se como método”, adverte Martins Rodrigues, para um escritor cujo estilo reflete a influência dos decadentistas e cuja obra se destaca pela relevância e modernidade de suas temáticas, em parte inspiradas pelas leituras de Baudelaire, Balzac, Dostoiévski, Wilde, Eça de Queirós, Artur Azevedo, entre outros. Mas também pela vivência jornalística, aliás também fruto da renovação da imprensa de então: “Para João do Rio, era necessário que o jornalismo investigasse, criasse seus temas, produzisse opinião.”. O jornalismo literário torna-se então um projeto de vida para quem não acredita “na má influência do jornalismo na literatura”, como sentenciava Machado de Assis. Poeta, cronista, ensaísta, dramaturgo e jornalista, João do Rio ou Paulo Barreto é um *dandy* invejavelmente talentoso e precoce que paga um preço por essa genialidade e acusa, sempre com talento, os golpes sofridos: “Mas o fenômeno interessante é que quanto mais notável é o sujeito, mais atacado e caluniado. O grande homem do Rio seria aquele de quem toda a gente, mesmo sem o conhecer, dissesse horrores. Ter talento, ter capacidade, agir, brilhar, mostrar uma figura impressionante, é aumentar a lista dos desafetos gratuitos, dos espíões de nossos gestos, dos pobres-diabos que, não

podendo negar um esforço sério e superior, atiram-se, ferozmente, contra o bandido capaz de ser melhor. O mundo não muda, e afinal, ao menos nisso, o Rio parece Atenas que desterrava Aristides por ele ser bom demais.”

João do Rio é um livro inspirado, por várias razões. Possui uma arquitetura simples e uma narrativa inteligente por mesclar fatos reais e ficcionais, utilizar dois narradores ao longo do livro, amalgamar tempos diversos sem comprometer a clareza do texto, pontilhar a biografia de João do Rio com inúmeras passagens de diferentes textos do próprio escritor ou de seus contemporâneos. Quando a narrativa é conduzida na terceira pessoa, é Martins Rodrigues quem informa, situa, dimensiona, explora e explica a vida, a obra e o tempo de João do Rio. Quando é conduzida na primeira pessoa, é o biografado quem reflete sobre sua própria vida, sobre seu tempo, quem descreve suas emoções, desnuda seu processo criativo, sua percepção sobre seus principais objetos de interesse, a cidade e seus habitantes, a condição humana, a diferença entre vagabundagem e *flânerie*. Nas duas dimensões narrativas o historiador lança mão dos textos assinados pelo escritor tanto para ilustrar a narrativa real quanto a ficcional, textos pertinentes à cada situação, selecionados com o devido cuidado para o sucesso da empreitada.

Com fios invisíveis Martins Rodrigues tece a história que se propõe a nos contar e nos apresen-

ta, com a autoridade de leitor apaixonado e historiador experiente, ao seu João do Rio. Cada passagem do livro revela a intimidade do historiador com a obra do escritor e com o seu universo: a cidade do Rio de Janeiro e seus habitantes, o tempo em que se passa a ação, a história cultural do período. Contudo, quando descreve o *évènement* que foi a passagem de Isadora Duncan pelo Brasil e a amizade nascida entre a dançarina norte-americana e João do Rio, Martins Rodrigues nos brinda com um dos momentos mais mágicos do livro. Nos transporta poeticamente à belle époque tropical, aos dias e noites cariocas da diva da dança moderna, ao divertido jantar que lhe foi oferecido pelo amigo brasileiro, ao ousado banho ao luar na Cascatinha da Tijuca, aos passeios noturnos pelas areias de Ipanema. Combina assim, com perfeição, ficção e história.

Prof^ª Dr^ª Mônica Leite Lessa.
Departamento de História/UERJ

Notas e Referências Documentais:

1. Phillipe LEVILLAIN. Les protagonistes: de la biographie. In: *Pour une Histoire Politique*. Paris: Editions du Seuil, 1996, pp. 121-161.